

## ABERTURA DA TERCEIRA FASE DO XXVI CAPÍTULO GERAL

### MISSIONÁRIOS DA ESPERANÇA CONTINUANDO OS PASSOS DO REDENTOR

#### *Ano dedicado à vida comunitária*

Const. 21-75; EG 026-049; Lc 6,12-16

*P. Rogério Gomes, C.Ss.R*

Estimados Confrades e Leigos Associados a nossa missão,

1. Hoje, iniciamos a terceira fase do Capítulo Geral, o modo redentorista de celebrar a sinodalidade em nossa Congregação. Gostaria de lembrar o objetivo dessa fase: “Em nível de Conferência, a Fase de Implementação ocorrerá no máximo doze meses após a Fase Canônica do Capítulo Geral. (DC, 809). A principal tarefa da Fase de Implementação será a comunicação da mensagem e orientação estabelecidas pela Fase Canônica do Capítulo Geral a respeito da missão da Congregação dentro da Conferência. Eventos apropriados, como oficinas, retiros, etc., poderão ser organizados para facilitar essa implementação (DC, 810). Portanto, não é momento para discutir as decisões ou as razões pelas quais foram tomadas, mas estudar o melhor modo para colocá-las em prática segundo nosso carisma.
2. Portanto, *estamos em Capítulo, discernindo juntos para escutar o Espírito, encontrar a vontade de Deus e o melhor modo de aplicar as decisões, de modo que ajudem a animar a nossa vida apostólica da Congregação. Temos uma missão importante: animar, encorajar, apontar caminhos, envolver os confrades nas decisões capitulares. Os Capítulos Gerais e (vice) Provinciais e Assembleias são instâncias importantes dentro da vida consagrada. Com todos os seus limites, busca-se escutar e discernir juntos.* Talvez as decisões que o Capítulo tomou não era a que esperávamos, mas esse foi o legado da fase canônica. Agora, no espírito de colegialidade, devemos utilizar nossas melhores energias e criatividade para colocá-las em prática no contexto da Conferência e sair daqui com um Plano Estratégico simples, audaz e eficaz.
3. Começando essa terceira fase gostaria de propor o texto de Pentecostes (At 2,1-14) para a nossa reflexão. O que estamos celebrando é um Pentecostes para nós! Se não acreditamos nisso, cumprimos um mero protocolo canônico que se esvazia com o tempo e não ressoa no coração dos confrades e nossos leigos. Se fazemos desse

momento um tempo no qual o Espírito abre e fala aos nossos corações e mentes e nos provoca a abraçar o futuro com esperança, podemos fazer novas todas as coisas (cf. Ap. 21,5). O Espírito Santo nos surpreende!

4. O texto dos atos dos Apóstolos diz: “ao completar-se o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar”. Este “um só lugar” pode significar tantas coisas”: comunidade, comunhão, aupteção, fechamento, estaticidade e falta de dinamicidade. Da morte de Jesus em diante, conhecemos as crises dos discípulos e da comunidade: crise de projeto, crise na reelaboração do projeto de Jesus até chegar a uma compreensão profunda do que significou a sua vida, morte e ressurreição. A comunidade discipular viveu a crise da liminalidade e passou pelo crivo do tempo para elaborar a sua identidade e a partir daí, dar passos para o futuro. *Quais são as nossas crises pessoais? Quais são as nossas crises provinciais? Quais são as nossas crises como Congregação? O que nos coloca em crise? O que nos amedronta diante do futuro? A crise é a possibilidade que temos de reconstrução. Se estamos aqui, é porque passamos pela crise da expulsão do ventre materno. Se a crise nos purifica, o marasmo é o que nos sepulta, porque não nos faz ser nem quentes e nem frios (cf. Ap. 3,15-16). O marasmo é o acometimento lento e degenerativo de nossa criatividade e de nossa possibilidade de pensar o futuro. Ele endurece o coração e mata a alma. Como consequência, o pessimismo e o olhar retrotópico que nos remetem às seguranças do passado que já não podemos tocar.*
5. A comunidade dos discípulos, reunida, confrontou suas crises, purificou a imagem de si mesma e de Jesus. É a partir daí, enxerga alternativas além das portas fechadas, dos muros, do estar no mesmo lugar. Ela encontra descobre outras linguagens. *Quais as portas fechadas que temos na Congregação, nas Conferências, em nossas (vice) Províncias, em nossas Comunidades? Que muros precisamos ultrapassar? Os muros nos dão a falsa sensação de segurança e com o tempo nos tira da realidade, pois perdemos o contato com a concretude da vida. Que muros o XXVI Capítulo Geral nos convida a superar? Que janelas ele nos convida a abrir? Que medos ele nos chama a superar?*
6. O XXVI Capítulo Geral nos deixou cinco chaves importantes para superarmos os muros e abriremos novas portas: identidade, missão, vida consagrada, formação e liderança, juntamente com o lema do sexênio: *Missionários da Esperança continuando os passos do Redentor. A que nova linguagem nos inspira esses temas e o lema do Capítulo? O que significa isso nessa experiência de Pentecostes da terceira fase e para o sexênio? Acreditamos nisso, ou é simplesmente, um discurso retórico? Como isso ressoa em meu coração redentorista como consagrado e como missionário animador da vida dos confrades, na função de liderança, e como leigo associado à missão redentorista?*
7. O Capítulo nos chamou a ser Missionários da Esperança caminhando nos passos do Redentor. Ele recorda a nossa essência. Somos missionários! Homens apostólicos. Vivemos em comum, constituímos um só corpo missionário pela

profissão religiosa, somos colaboradores, companheiros e ministros de Jesus Cristo na obra da Redenção. Somos fortes na fé, alegres na esperança, fervorosos na caridade, inflamados no zelo, humildes e sempre dados a oração. Somos genuínos discípulo de Santo Afonso, seguimos contentes a Cristo Redentor, participamos de seu ministério, anunciamos com simplicidade de vida e linguagem e pela disponibilidade constante para as coisas mais difíceis a fim de levar às pessoas a copiosa redenção (cf. Const. 2 e 21). Nessas duas Constituições está o que somos! Certamente, o chamado constante para nós é a *disponibilidade para as coisas árduas e difíceis. Jamais podemos nos esquecer disso como missionários redentoristas.*

8. A palavra *missão* deriva de *mittere*, mandar, enviar, *missus*. Enviar ou ser enviado para exercer um cargo, para realizar uma tarefa específica, na maioria das vezes de certa importância. Mandar (*mandare*) é confiar, dar a mão, uma ajuda. Quem é enviado recebe um mandato, recebe a confiança de alguém ou da comunidade. Ele não vai por si só. A missão é realizada em nome de... Jesus foi enviado do Pai e realizou a sua missão em nome dele até o fim. Não em nome de si mesmo (cf. Jo 3,16-18). A cena da tentação foi o momento em que Jesus foi confrontado para anunciar a si mesmo e não o Pai (cf. Mt 4,3-11). Nesse sentido, *nosso mandato missionário provém do Cristo Redentor enquanto somos chamados por ele para compartilhar a missão do Pai e da Congregação enquanto realidade eclesial que compartilha um carisma recebido do Espírito e o põe a serviço da missão junto ao Povo de Deus.* Nesse sentido, um missionário redentorista enviado a um lugar onde não pode se identificar, mesmo só, está em comunidade e em missão, *pois foi enviado em nome de.* Ele não está fazendo carreira solo... E sua presença ali é missionária.
9. A esperança que anunciamos não é a esperança ingênua, de que tudo se resolva de modo mágico e tenha final feliz. Não foi assim que terminou Jesus! Os mesmos evangelhos nos levam além, à perspectiva do que há sempre além do fracasso, do túmulo vazio, do medo, da vontade de desistir algo novo que faz tudo recomeçar, que nos faz sanar, que nos projeta para o futuro, a um horizonte de transcendência. O dito popular: “a esperança é a última que morre”, faz-nos pensar... Portanto, o mandato que recebemos de toda a Congregação nesse sexênio é sermos *Missionários da Esperança seguindo os passos do Redentor.* Assim, foi-nos dado o mandato e o caminho a seguir.
10. Que esperança anunciamos? Meditando e rezando esse tema veio-me à mente quatro dimensões da esperança que deve estar em nossa reflexão, no contexto do mundo belo, ferido, em mudanças que vivemos. São elas: esperança teológica, antropológica, no mundo e na Congregação.
  - a) *Esperança teológica.* Cristo Jesus, o Redentor, é nossa esperança! (1Tm 1,1). *Este aspecto da esperança é a razão pela qual decidimos escolher a pessoa de Cristo como centro de*

*nossas vidas. Identificamo-nos com ele e o seguimos.* Professamos a fé nele e nossa ação missionária está centrada em sua pessoa. E isso dá sentido a nossa consagração batismal e enquanto religiosos que somos.

- b) *Esperança antropológica.* É a capacidade de acreditar em nós mesmos, e especialmente no outro que é diferente de mim, aceita-lo, respeitá-lo, amá-lo e cuidar dele. *Trata-se de acreditar no humano, mesmo com seus limites e contradições, mas que ele sempre é capaz de converter e recomeçar.* Nesse sentido, a esperança antropológica nos coloca em sintonia com o nosso dever evangélico de estar junto aos mais pobres e abandonados e ajuda-los a terem a força necessária para levarem a vida avante.
- c) *Esperança no mundo:* De quando iniciamos as consultas para este Capítulo ficou muito claro a percepção dos confrades em relação ao mundo e suas mudanças, as inseguranças, os desafios e os valores que nele contêm. *Este é o mundo que vivemos. Essa é a história que cabe construir agora. É o nosso tempo. É nesse mundo e nessa história que nos salvamos.* Vale recordar o grande teólogo Edward Schillebeeckx: “O mundo e a história dos homens, em que Deus quer realizar a salvação, são a base de toda realidade salvífica: é aí que primordialmente se realiza a salvação... ou se recusa e se realiza a não-salvação. Neste sentido, vale ‘*extra mundum nulla salus*’, fora do mundo dos homens não há salvação”.<sup>1</sup> Sob esse prisma, somos chamados, como missionários da esperança, a abraçar este mundo com esperança como realidade criada por Deus e lugar onde nos realizamos como criaturas amadas por ele.
- d) *Esperança na Congregação.* Por fim, a esperança na Congregação. *Se como membros professos não temos mais esperança na Congregação, já perdemos o ardor vocacional e missionário, não encontramos esperança no processo de reestruturação, não vemos esperança para a Igreja e para a Vida Consagrada, então caminhamos para o vazio e a morte lenta e agônica de nosso futuro, porque aos poucos vamos perdendo a nossa capacidade de comunicar o carisma e entusiasmar outras pessoas: novas gerações e nossos leigos. A Congregação não é só uma obra humana, instruída por Santo Afonso, continuada por outros, chegou até nós e agora passamos à frente como uma herança recebida. Ela é obra do Espírito que conta com o humano para realizar a missão em realidade humana. Se perdemos a esperança na Congregação enquanto obra missionária, sentido de pertença e realização da vocação batismal e de serviço ao outro, qual o sentido estamos aqui? É essa esperança na Congregação que nos faz estar aqui, juntos, como corpo missionário, com nossos medos, incertezas, com nossas alegrias, sonhos, visões de futuro e dar o melhor de nós para comunicar o carisma,*

---

<sup>1</sup> SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 29-30.

não como uma hereditariedade, mas como um mandato recebido do Espírito a ser compartilhado com Congregados, leigos associados a nossa missão e com todo o Povo de Deus.

11. O Capítulo nos deixou claro em qual estrada caminhamos, a do Redentor. “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Seguimos, continuamos os seus passos, buscamos seguir, com nossas forças e fragilidades, os caminhos que ele nos indica, levando-nos à frente a sua missão. *A missão que realizamos não é nossa.* Somos “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que Nele nossos povos tenham vida”, recorda-nos o V CELAM (Aparecida, 2017).
12. Gostaria de concluir exortando-os: *Somos missionários da Esperança continuando os passos do Redentor.* É com essa esperança, celebrando este Pentecostes, que iremos colocar em prática as decisões do XXVI Capítulo Geral. Não tenhamos medo! Tenhamos o coração sereno, aberto ao diálogo, buscando junto o bem da realidade evangelizadora Congregação do Santíssimo Redentor, preparando-nos para os seus 300 de história. *Muito do êxito de nossa história está nas decisões que tomaremos aqui. Portanto, não tenhamos medos de tomar as decisões que devem ser tomadas, cortar na própria carne. O Espírito está conosco e nos iluminará e nos dará nova linguagem para que a Congregação permaneça fiel em seu carisma e siga seu curso até a sua escatologia quando Deus a chamar porque concluiu fielmente a sua missão na terra.*
13. Que Maria, Mãe do Perpétuo Socorro nos dê a coragem de perseverança, especialmente nos momentos de desesperança e nossos santos, beatos, mártires e veneráveis nos inspire na ousadia missionária.

#### PARA A MEDITAÇÃO PESSOAL:

**Leituras:** At 2,1-14; Mc 2,22; Ap 21,5; Hb 10,23-24; Const. 10,20,43.

O XXVI Capítulo Geral nos deixou cinco chaves importantes para superarmos os muros e abriremos novas portas: identidade, missão, vida consagrada, formação e liderança, juntamente com o lema do sexênio: Missionários da Esperança continuando os passos do Redentor. **A que nova linguagem nos inspira esses temas e o lema do Capítulo? O que significa isso nessa experiência de Pentecostes da terceira fase e para o sexênio? Acreditamos nisso, ou é simplesmente, um discurso retórico? Como isso ressoa em meu coração redentorista como consagrado e como missionário animador da vida dos confrades, na função de liderança, e como leigo associado à missão redentorista?**

*Que vida consagrada redentorista queremos para nós e para a Igreja?* Aquela que foge do mundo? Aquela que se esconde em seus castelos, em seus belos templos, sacristias e vestes? Aquela que é fragmentada por projetos pessoais ou por lutas internas pelo poder? Aquela que está nas zonas de conforto? Ou aquela que reconhece o mundo, percebe suas belezas e ambivalências, corre o risco de caminhar com o Redentor, ferir e fazer sangrar seus pés? *Que vida consagrada redentorista queremos para nós e para a Igreja?* Uma vida consagrada redentorista que reconhece o Redentor com seus olhos, identifica-se com ele, é um corpo missionário e valoriza cada confrade e os leigos? Ou fragmentada que escuta a voz dos ídolos, é se deslumbra e depois é abandonada pelo caminho? O Senhor é fiel. Os ídolos nos encantam, fazem-nos apaixonar e depois nos abandonam. *Que vida consagrada redentorista queremos para nós e para a Igreja?* Não a vida consagrada pura, intocável, sem pecado, distante da realidade, mas a vida consagrada humana, com suas contradições, com suas feridas, sem medos, mas que a cada dia dá o melhor de si, converte-se e se renova, está no mundo como uma luz dançante a resistir ao vento e se consome com um coração simples, fiel ao Senhor e aos mais abandonados.

Estas perguntas nos ajudam a discernir pessoal e comunitariamente que estilo de vida consagrada queremos para o futuro. Os desafios que enfrentamos são numerosos e diversos. Entretanto, não devemos nos desencorajar. Somos missionários da esperança que caminham nos passos do Redentor. Se isto for verdade, não podemos decretar nossa morte prematura. *Devemos manter nossos olhos abertos para a realidade e fazer nossa autocrítica institucional e pessoal, mas não podemos desistir diante do que nos assusta, dos problemas decorrentes de nossas infidelidades e dos desafios do mundo de hoje.* Parte da Igreja está passando por um tempo complexo com tantas disputas internas, perda de credibilidade e afastamento do Evangelho. Ao longo da história, nos momentos controversos da vida eclesial, a vida consagrada sempre foi um sinal. Assim, *em um contexto de tantas divisões, somos chamados a ser um sinal de unidade e a proclamar a redenção com coragem e entusiasmo. Nosso carisma está vivo e nos fortalece na missão, e por isso somos chamados a ser uma luz para as nações.*

Finalmente, uma palavra sobre a reestruturação. Durante estes 30 anos, houve diferentes abordagens para nos iluminar: em nível teológico, espiritual e estrutural. Todas têm sido muito importantes e nos ajudaram a chegar até aqui. É fundamental lembrar a *kenosis* de Jesus, o *distacco* afonsiano, para nos ajudar a refletir sobre ela. Não podemos esquecer a inspiração que vem dos mais abandonados. Eles têm que se reestruturar todos os dias para poder sobreviver. A experiência dos migrantes que deixam sua pátria apenas com a certeza de seus sonhos e dos pobres que têm que se reinventar todos os dias faz-nos pensar. A precariedade do abandonado nos faz refletir sobre nossa disponibilidade. Para onde quer que vamos, a Congregação nos apoia nos mais de 80 países onde estamos presentes. Temos uma estrutura que nos

protege. Com a reestruturação, ninguém ficará sem proteção. Se, nestes 30 anos, continuamos a ter dificuldades, é porque talvez não tenhamos aprendido com os mais abandonados e talvez estejamos muito distantes de suas vidas. A chamada para nós: “vinho novo em odres novos” (cf. Mc 2,22). *A reestruturação é um chamado do Espírito Santo a toda a Congregação para permanecer fiel ao carisma e para responder aos sinais dos tempos com um novo zelo missionário e renovação de nossa vida apostólica.*<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> MENSAGEM À VIDA CONSAGRADA REDENTORISTA. Encontro online Festa da Apresentação do Senhor. Roma, 02 de fevereiro de 2023, n. 8-9.13.